

História Do Rolf Institute

Pedro Prado

AULA PROFERIDA NA UNIDADE 2 CURSO MODULAR

SETEMBRO DE 2003, SÃO PAULO, BRASIL

O desenvolvimento do Rolfing acontece paralelamente com o desenvolvimento do ensino deste ponto de vista e com a fundação e implantação das Instituições que serviram de suporte para seu desenvolvimento, tanto nos USA, onde Rolfing foi criado, como nos demais países por onde se expandiu e é ensinado.

CRIAÇÃO

A trajetória da criação do Rolfing segue a biografia de Ida Rolf.

Em linhas gerais aqui seguem algumas referências importantes para a compreensão deste percurso:

- 1896 - Nasce em Nova Iorque, EEUU, de família alemã. Foi criada no Bronx .
- Década de 10 - estuda e forma-se em bioquímica (1916), no Instituto Rockefeller. Faz doutorado na Universidade de Columbia
- Década de 20 - trabalha em pesquisa no Instituto Rockefeller, fez yoga e estudou homeopatia em Genebra.
- Década de 30 - retira-se da vida profissional para tratar de assuntos familiares.
- Década de 40 - trabalha empiricamente com casos diversos (Ethel, Grace, etc) aliando técnicas aprendidas na Yoga (Pierre Bernard) e osteopatia.(Amy Cochram)
- Década de 50 - organiza o trabalho, define a importância da gravidade como referência para a manipulação do tecido conjuntivo e como fator organizador das estruturas humanas. Em 1955 começa a ensinar (osteopatas e quiropráticos ingleses e depois canadenses), organiza a primeira estratégia de integração estrutural em 10 sessões (chamadas então de processos e depois de “receita”).
- Década de 60 –em 1963 publica o artigo :“Gravity: an unexplored factor in a more human use of human beings”. Ensina em diferentes pontos dos USA e chega a Esalem, encontra público que compreende sua criação. Ensina e forma discípulos. (Emmett Hutchins, Peter Melchior, Jim Ascher, Jan Sultan, Michael Salveson, Joseph Heller)
- Década de 70 –em 1973 publica o artigo:“ Structural Integration: a contribution to the understanding of stress” Forma-se o primeiro agrupamento de profissionais já formados, e realiza-

se o primeiro encontro, com 40 participantes. Em 1971 nasce o Rolf Institute para ensino, pesquisa e divulgação do Rolfing. Em 1976 publica-se o livro “Rolfing: the integration of human structures” onde expõe seu ponto de vista. Iniciam-se pesquisas sobre Rolfing.

- 1979 – Morre aos 83 anos.

ENSINO

Quando começou a ensinar, Ida Rolf queria fazê-lo para profissionais médicos, osteopatas e quiropraxistas. Estes profissionais não compreenderam seu ponto de vista e pegavam elementos da técnica e das táticas de trabalho e as aplicavam fora do contexto mais amplo (integração de estruturas) que definia o Rolfing. Porém percebiam um impacto inovador e as pessoas se intrigavam com seu trabalho.

Até 1971 (fundação do Rolf Institute), ensinava pessoalmente todos os cursos.

Havia organizado o sistema que denominou Integração Estrutural (posteriormente chamado de Rolfing) numa estratégia de 10 sessões (a “receita”).

Tinha pouco tempo para ensinar. As classes tinham alunos ouvintes e praticantes. Os cursos eram de 5 semanas (ensinava duas sessões por semana). O aluno ouvinte primeiramente observava a formação dos praticantes, e, numa segunda rodada (como praticante), aplicava a metodologia em classe, com supervisão da Dra Rolf. Usava portanto a “receita” como estratégia de ensino. Cada sessão tinha um tema e localização anatômica específica que orientavam o trabalho.

Assumia que a receita era uma estratégia segura para os alunos seguirem, e, com a prática completarem sua formação. Dizia que os alunos precisavam 5 anos de experiência para “realmente” entender o que é e como funciona Rolfing, porém não dizia que Rolfing era a “receita”. Criou a receita e o modelo de ensino com ouvintes e praticantes para poder agilizar a divulgação do Rolfing.

Recomendava como Educação Continuada um workshop de 6 dias por ano, que, no início ela ensinava pessoalmente. Aparecia o trabalho de manutenção e as séries de 3 sessões que seguiam as estratégias das sessões 8-9-10, que, por serem as sessões “integrativas” na fase de fechamento do trabalho básico, se prestavam à função de evolução do trabalho com clientes que já haviam passado pela serie básica.

No fim da década de 60 e durante os anos 70 criou os cursos avançados. Nestes cursos formou os primeiros professores (por ordem Emmett Hutchins e Peter Melchior, seguidos por Jan Sultan, que trabalharam juntos por um tempo, e posteriormente seguidos por Jim Ascher e Michal Salveson.) O trabalho avançado não possuía estratégia definida.

Enquanto vivia chegou a uma organização do trabalho avançado em 4 sessões que, como tática, utilizavam posições parecidas com posturas de hatha yoga. Após sua morte, estas 4 sessões se tornaram 5.

Alguns de seus discípulos posteriormente tentaram organizar uma “receita” avançada (basicamente Emmett Hutchins e Peter Melchior).

Com o curso avançado haveria a compleição da educação do profissional.

Acreditava que o trabalho de manipulação deveria ser acompanhado por trabalho de “movimento” para repadronização da função e para ancorar a transformação estrutural.

Oferecia em seu currículo exercícios de repadronização que aprendera com Amy Cochram (arms and leg rotations).

Convidou Dorothy Nolte e depois Judith Aston para desenvolverem esta dimensão do trabalho.

O ROLF INSTITUTE

Com a fundação do Rolf Institute, seus discípulos mais antigos começaram a dar os cursos básicos e Ida se restringiu a dar os cursos avançados.

Após sua morte, em 1979, os cursos eram dados no RI pelos seus discípulos, seguindo o formato que Ida Rolf utilizara. Paralelamente, com a multiplicação de profissionais, com as observações clínicas e com a prática do ensino e reflexão sobre o trabalho, houve desenvolvimento das técnicas de manipulação e de movimento.

Surgiram três principais teorias de biomecânica. Em comum tinham o fato de tentarem trazer explicações mais lógicas para os padrões estruturais observados e descreveram tipologias estruturais:

Flury H. se baseava nos efeitos da angulação e deslocamento da bacia e seus efeitos na rede miofascial;

Sultan J, nos padrões de rotações dos membros e adaptações no tronco e cabeça; e

Schleip R. no desenvolvimento das cadeias musculares dos extensores ou flexores e no estabelecimentos de reflexos neurológicos.

No tocante às influências que as originaram, a primeira é puramente empírica e biomecânica, a segunda se apóia na osteopatia craniana e a última na embriologia e neurologia.

ROLFING MOVIMENTO

Judith Aston desenvolveu o trabalho de “repadronização”, mas em seguida deixou o Instituto. Seu trabalho tomou identidade própria e Judith funda o “Aston Patterning”. O trabalho de Movimento é levado avante por Meagan James, Heather Wing, Gale Olgren, Annie Dugan e Janie French. Estas duas últimas também deixam o Instituto por desenvolverem trabalhos que, apesar de apoiados na Integração Estrutural, apresentavam diferenças que eram difíceis de serem assimiladas. A estas alturas, o trabalho se põe como um trabalho independente, com técnicas próprias.

O Instituto oferecia cursos e formação independentes de Rolf Movement e Rolfing Estrutural.

Se por um lado o trabalho Estrutural continuava seguindo a receita de Ida Rolf e a manipulação direta de tecido conjuntivo, o trabalho de Rolfing Movimento tinha uma metodologia de trabalho e de ensino não linear, portanto mais difícil de ser ensinado. Janie e Anie também deixam o Instituto em 1991 e fundam sua escola..

Porém a força e o sentido desta metodologia aumentava, e, gradualmente foram também se tornando pré-requisitos para os candidatos a formação em Rolfing.

Gale e Heather, com Jane Harrington, Vivian Jaye continuam carregando a tocha e sustentando a exploração funcional no Rolfing. Este trabalho é registrado em apostilas de classe, e, posteriormente por alguns dos novos professores de Rolf Movement do Rolf Institute. São eles Mônica Caspari, Pedro Prado, Carol Agneessens, Mary Bond.

COMBINED STUDIES

Houve durante a década de 90 um projeto piloto denominado “Combined Studies” que pretendia ensinar Rolfing Estrutural (pela manipulação) simultaneamente com Rolfing Movimento, produzindo alunos com certificação em ambas as abordagens.

Nestes cursos, como nos anteriores, a metodologia de ensino implicava no aluno viver o processo ao mesmo tempo em que recebia informações intelectuais e que praticava a metodologia. (cursos teórico-prático-vivenciais-processuais) representando uma visão pedagógica integrada entre informações, prática clínica e evolução pessoal.

O “Combined Studies” propunha que os alunos então fizessem 4 sessões semanais em classe. Para cada sessão estrutural, uma de movimento. O resultado disto foi avaliado como uma sobrecarga muito grande para o aluno, e os processos individuais se sobrepunham à dimensão de aprendizagem intelectual também necessária. O projeto foi finalmente abandonado em 1995, deixando estas duas abordagens separadas tanto no ensino como na prática de Rolfing. Tratava-se de utilizar uma técnica ou outra. Posteriormente, colocou-se como requisito para se estudar Rolfing Movement, que se estudasse Rolfing Estrutural. Porém a questão da integração destas metodologias continuava presente.

Nesta segunda década do ensino do Rolfing, já com Ida Rolf não presente, com o Rolf Institute se organizando funcional e politicamente, e o trabalho acontecendo na prática com uma reflexão ainda embrionária, dois assuntos tornaram-se críticos :

O trabalho formulístico versus o não-formulístico e as técnicas de manipulação versus as técnicas de movimento.

Algo intrincado se revelava como desafio para a evolução e prática do Rolfing.

FORMULÍSTICO E NÃO-FORMULÍSTICO

A receita era um guia confiável e seguro para o iniciante. A manipulação do tecido conjuntivo e sua técnica requeria tempo e precisam de atenção direta do rolfista. As sessões de trabalho pela técnica de manipulação eram “cheias”, e muito havia sempre por ser feito.

As dimensões do trabalho relacionadas com o processo do cliente, a dimensão não física do trabalho (emocional, espiritual) bem como os aspectos que incluíam a participação consciente do indivíduo no seu processo (significado dos padrões, da transformação, apreensão do novo, história emocional, desabrochar ontológico, relações terapêuticas...) foram temas que foram mais lidados por quem trabalhava com Rolfing Movement., ou que estavam sempre presentes para alguns praticantes do trabalho de manipulação, mas que não encontravam tempo nas suas estratégias formalísticas para incluir o lidar com estas dimensões concretamente. A pressão vinha de todos os lados, uma vez que os contratos e expectativas dos clientes também assumiam as 10 sessões como referência do processo.

As técnicas de Movimento propunham toques mais gentis, e possibilitavam mais experiências nas dimensões não físicas. A própria estruturação estratégica do trabalho seguia linhas processuais e não linhas biomecânicas. O contexto cultural da época explorava novas formas de psicoterapia (neo-reichianas) e trabalhos de abordagem corporal (que se proliferavam como Feldenkrais, Alexander, Tragger, Polarity, etc) O Rolfing Movement se aproximava mais destes valores e os guardava dentro da cultura do Rolfing.

Porém, no nível interno do Instituto havia aqueles que achavam que o único Rolfing era o da manipulação de tecido e que a única estratégia de trabalho era o trabalho formulístico, tanto no nível básico como no avançado. E, entre estes extremos, toda gama de combinações. Os que achavam que o trabalho formulístico de manipulação poderia ser combinado com o trabalho de movimento (alguns viam benefício em que fosse antes e outros que fosse depois, outros ainda, que fosse interveniente). Os que achavam que o trabalho de movimento deveria ser formalístico, os que achavam que o trabalho de manipulação deveria cuidar mais do processo do cliente e não só a dimensão física envolvida...

Estas crises teóricas-práticas levaram a dissabores nas relações pessoais entre professores, administração e membros, e, finalmente, a “batalha dos egos” gerou um cisma no Instituto e na Faculdade, acompanhado de reverberações negativas por todos os membros do Rolf Institute.

No fim da década de 80, já depois do cisma, os professores avançados do corpo docente (J. Maitland, J. Sultan, M. Salveson) revisaram a Receita iniciando um trabalho de descrição dos princípios que regem a estrategização da abordagem (18). De posse dos “Princípios para Estrategização do Rolfing” estabeleceu-se o pensamento não formulístico (raciocínio até então só utilizado para o trabalho avançado)

ESTRUTURAL E MOVIMENTO

Na década de 90 a Faculdade do Rolf Institute se dedicou à descrição e revisão do Currículo. Esta tarefa visava precisar e unificar a formação de Rolfling, fato pedagógica e politicamente complexo.

Buscavam-se formas de se fazer a Integração destas técnicas. Apareceram três propostas diferentes:

- a Americana que colocava o trabalho funcional como interveniente no trabalho estrutural,
- a Européia que mantinha as formações separadas e
- a Brasileira que tentou usar os Princípios de Estrategização como elemento comum entre as duas metodologias (estrutural e movimento) e ensinar Rolfling através do pensamento não-formulístico, favorecendo a escolha de técnicas dependendo do processo clínico de cada cliente.

Esta proposta ressuscita a dupla certificação. Este trabalho foi iniciado por Pedro Prado e Vivian Jaye em 1995, apresentado na reunião da Faculdade de 1995 em Boulder Colorado e foi desenvolvido e elaborado nos cursos brasileiros subseqüentes pelos professores brasileiros e convidados estrangeiros. (V. Jaye, J. Harrington, S. Klem, J. Sultan, R. Schleip, M. Caspari, L. Keen). Nestes cursos o Rolfling era ensinado como uma metodologia puramente estrutural, puramente funcional, e como um processo onde o aluno poderia escolher entre as metodologias.

Paralelamente na mudança de currículo, nos USA e na Europa, as classes se tornaram homogêneas, separando-se os ouvintes dos praticantes, e manteve-se a formação discriminada nas duas técnicas.

Na Europa a técnica de Movimento estava em crise, até que começou a influência de Hubert Godard. Rolflista francês, especialista em movimento, professor e pesquisador da Universidade de Paris, ensinou na Europa, nos EEUU e no Brasil, Austrália e Japão. Hubert, trazendo a teoria da Função Tônica, foi aos poucos convergindo seus conhecimentos para uma reinterpretação da receita, gerando uma receita sob a ótica funcional para ser utilizada como caminho didático.

A proposta curricular diferente nos diversos continentes punha em risco a integridade do ponto de vista de Ida Rolf, e anunciava regionalismos além do desejável para uma ciência ainda jovem.

Em 2000 na Europa há uma reunião dos professores avançados do Rolf Institute SUMMITT (presentes os americanos Jan, Michael e Tessie Baungardt, os europeus Peter Schwind, Robert Schleip, Hubert Godard e France, e o brasileiro Pedro Prado) e gerou-se uma proposta de currículo integrado, onde movimento e estrutura são ensinados juntos utilizando-se novamente a estratégia da receita, ensinando estrutura e função conjuntamente, com a compreensão de serem estes dois, aspectos de um só fenômeno.

Todo Rolfling é Estrutural e todo Rolfling é Funcional. A ênfase e dada a leitura funcional da receita, antes ensinada com ênfase na estrutura geométrica.

Atualmente os três centros de ensino do Rolfling se devotam a criar e lapidar esta integração tanto no ensino como na reciclagem dos profissionais existentes.

O Projeto Educacional Brasileiro (Estrutural e Movimento ensinado pelos princípios e não formulisticamente) e também transformado para acompanhar o currículo Universal e sua abordagem e transferida para o currículo avançado.

AS INSTITUIÇÕES

- 1970 – Agrupamento informal – Guild for Structural Integration
- 1971 – Formação do Rolf Institute, sediado na California, (soc. Sem fins lucrativos)
Formação dos primeiros rolfistas europeus (Vandam,Robert Schleip)
- 1982 – primeira classe Européia, agrupamento informal de um núcleo organizacional em Munique, congregando todos os rolfistas europeus, como um escritório do RI.
- 1981 – Formação do primeiro Rolfista Brasileiro (Pedro Prado)
- 1986 – Fundação da ABR (Associação Brasileira de Rolfing) em São Paulo, Brasil
- 1987 - primeiro curso no Brasil
- 1991 – Fundação da ERA (European Rolfing Association)
- 1989 – primeira classe australiana
- 1998 – primeira classe japonesa
- 2002 – fundação da ARA (Associação Australiana de Rolfing)
- 2003 – formação da JRA (Associação Japonesa de Rolfing)

DISSIDÊNCIAS

Algumas escolas são criadas por ex-alunos de Ida P Rolf antes mesmo da fundação do Instituto. É o caso do modelo de classe Jack Painter, que criou o Postural Integration. As mais significativas são as de Edward Maupin e o SOMA World de Bill Williams.

1973 – Joe Heller (primeiro presidente do Rolf Institute) diverge da Orientação do Corpo Diretor do Rolf Institute e funda o Heller Institute, desenvolvendo Heller Work.

1979 – Judith Aston forma o Aston Reppatening

1986 – Jannie French e Annie Dugan formam o FD

1987 – Emmett Hutchins diverge da Orientação que a Faculdade tomava quanto à revisão da Receita e acrescido por problemas políticos, deixa o Rolf Institute com Richard Stenstawald, diretor administrativo. Formam a Guild for Structural Integration (buscam o nome da agremiação informal original). Um ano depois, o professor Peter Melchior e sua esposa Susas, secretária administrativa se junta a eles na Guild. A seguir Stacey Mills e Neil Powers, professores da Faculdade também aderem a Guild. No Brasil, Nilce Bradway e Nelson Coutinho se mantém alinhados a Guild e deixam a ABR e o RI. Posteriormente Nelson deixa a Guild e forma a Sociedade Brasileira de Integração Estrutural.

Fim da década de 90 e começo do século 21 – formam-se várias escolas de Integração Estrutural fundadas por membros do RI que formaram suas próprias escolas particulares—Tom Myers, Michael Shea, Utah School of Massage, Richie Mins, entre outros.

O Rolf Institute e o mais eclético e operante centro de associação de membros e guardião do trabalho de educação e pesquisa em Rolfin, tendo mais de 1200 membros por 32 países e 48 dos estados americanos, além de deter a marca Rolfin. Sua Faculdade consta de 4 Departamentos (Estrutural com 17 professores, Movimento, com 9, Ciências 5, e Anatomia Facial 8).

Em 2001 forma-se a IASI (International Association of Structural Integration), numa tentativa de reunir todos os profissionais que são “herdeiros” de Ida Rolf.

Rolfin, como uma marca registrada, pertence ao Rolf Institute e caracteriza o trabalho desenvolvido por seus membros e corpo docente.

Podemos ver que o desenvolvimento do Rolfin se entrelaça com a formação institucional que dá suporte ao desenvolvimento do trabalho e com o próprio desenvolvimento do ensino nas diferentes localidades onde Rolfin se manifesta.

Agradeço a Jan Sultan por informações que me passou sobre os "early times" e a Jane Harrington, autora do artigo "20 years with Rolf Movement" (Rolf Lines Vol 28, no 3, 2000).

ROLFING BRASIL N.13, São Paulo, SP, março de 2004, pp. 19-22

AUTOR: Prado, Pedro